

MOACYR LOBO DA COSTA, OU “DA COERÊNCIA”

MOACYR LOBO DA COSTA, OR “ON COHERENCE”

*Acácio Vaz de Lima Filho***

Pedi-me o meu ilustre amigo professor Aloisio Surgik que desse início a este ciclo de conferências, abordando a pessoa do nosso saudoso mestre Moacyr Lobo da Costa. A tarefa é das mais árduas, levando em conta a personalidade rica e multifacetada do homenageado, e bem assim a sua gigantesca estatura moral. E “gigantesco” é o único adjetivo apto a retratar o caráter daquele que deixou marcas indeléveis da sua própria pessoa, nas pessoas daqueles que, como eu, tiveram o privilégio de ser seus amigos e discípulos. “Grave como a própria severidade” Moacyr Lobo da Costa era — sem qualquer recurso à Retórica — um varão de Plutarco, um daqueles nomes luminosos que o historiador descreve no seu clássico “Vidas dos homens ilustres” E é justamente aí que reside o desafio: — Acho-me, como um homem comum que sou, a braços com a tarefa de falar sobre um homem totalmente incomum!... o remédio para a minha dificuldade, encontro-o no entanto, nos conselhos do próprio mestre, que podem ser sintetizados em duas breves, para mim maravilhosas palavras: — Honestidade intelectual. Buscarei pois ser intelectualmente honesto, ao falar de Moacyr Lobo da Costa. Sei que isto o deixaria satisfeito; sei que isto o faria feliz. E, para mim, é o quanto basta.

Moacyr Lobo da Costa nasceu em Jundiáí, Estado de São Paulo, aos 17 de fevereiro de 1913, sendo filho do casal Morivaldo Lobo da Costa - Dona Maria Augusta da Costa. Foi o mais novo de uma família numerosa, uma vez que os seus pais tiveram nada menos do que nove filhos. Morivaldo Lobo da Costa era funcionário da “Companhia Paulista de Estradas de Ferro” que “a posteriori” iria ter uma grande importância na vida do seu filho Moacyr. Tudo indica que o meu mestre foi criado em um ambiente culto. Seu irmão mais velho, Valdomiro, foi bacharel em Direito pela nossa Academia do Largo de São Francisco, sendo que, durante todo o curso, tirou a nota máxima em todas as disciplinas, e foi agraciado com o “Prêmio Clóvis Beviláqua” “Miro” — este o apelido de Valdomiro — foi prefeito municipal de Jundiáí, e juiz do Tribunal Militar da antiga “Força Pública do Estado de São Paulo” Este irmão mais

Palestra proferida em Mafra, Santa Catarina, aos 21 de setembro de 2006, por ocasião da semana “Tributo a Moacyr Lobo da Costa”, organizada por iniciativa do professor Aloisio Surgik, e realizada sob os auspícios da Faculdade de Direito da Universidade do Contestado, Campus de Mafra.

** Acácio Vaz de Lima Filho, Advogado Militante, Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, é antigo aluno do professor Moacyr Lobo da Costa, professor de História do Direito da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e da Faculdade de Direito da Fundação Armando Álvares Penteado.

velho — Valdomiro — sempre foi muito admirado por Moacyr Lobo da Costa, sendo que a admiração não impedia que tivesse, com Valdomiro, grandes, até enormes divergências. Um outro irmão, Morivaldo Lobo da Costa Júnior, apelidado de “Valzinho” diplomou-se em Engenharia pela velha “Escola Politécnica de São Paulo”, radicando-se depois no Rio de Janeiro. O irmão imediatamente acima de Moacyr, Mucio, merece uma referência toda especial. Músico, pianista exímio, além de pintor, veio ele a falecer precocemente, por volta dos 40 anos de idade. Residia com o professor Moacyr. E é possível que a grande paixão de meu mestre pela música erudita, tivesse algo a ver com a estreita convivência com este irmão pianista, que morreu jovem.

Os que privaram com Moacyr Lobo da Costa podem atestar que ele tinha um senso de família muito pronunciado. “Zizi” no grupo familiar, sempre se referiu com gratidão ao irmão Morivaldo Júnior, o “Valzinho” que o ajudou financeiramente em seus estudos. A este senso de família posso acrescentar, com segurança, o seu senso artístico. Profundo conhecedor de literatura, tinha ele um instintivo bom gosto literário, conhecendo os clássicos — nacionais e estrangeiros — com detalhes. Dentre os Autores brasileiros, ele jamais escondeu a sua preferência — eu diria a sua gritante preferência — por Ruy Barbosa. A “Ruyana” — livros sobre o grande advogado patricio — ocupava um lugar de destaque, na biblioteca do meu mestre. Além de gostar de literatura, e de muito bem conhecê-la, Moacyr amava a música, conhecendo minuciosamente a música erudita, impropriamente chamada de “clássica” Seu compositor preferido era Beethoven, e ele chegou a censurar, em mim, a predileção por Wagner, que jamais ocultei de ninguém. Com a sua maneira sempre franca. dizia-me ele que Wagner era “barulhento”... tão grande era a admiração do professor Moacyr por Beethoven, que deu o nome de “Leonora” à sua filha mais nova, a ilustre psicóloga aqui presente... aliás, o meu mestre reconhecia prontamente quaisquer peças eruditas que ouvisse, fazendo comentários substanciais sobre as orquestras, os regentes, as gravações e assim por diante.

A casa paterna de Moacyr respirava cultura, e era freqüentada pelo artista plástico Rebolo, pelo poeta Menotti Del Pichia e pelas pianistas Guiomar Novaes — minha ilustre conterrânea de São João da Boa Vista — Antonieta Rucei e Madalena Tagliaferro. Todos estes, no início, foram amigos de Mucio Lobo da Costa, que era aluno da Escola de Belas Artes de São Paulo, tornando-se depois amigos de toda a família Lobo da Costa. Havia na casa três pianos, um de armário, um de cauda e um de meia cauda, sendo que uma irmã de Moacyr, Virgínia, tornou-se professora de música.

A vida era difícil, no início do século passado. E tudo indica que o homenageado teve uma infância um tanto árdua, dispondo de poucos recursos

financeiros, uma vez que integrava uma família numerosa. Aluno do célebre “Gymnásio Culto À Sciencia” em Campinas, São Paulo, Moacyr tinha que se deslocar diariamente, de trem, de Jundiaí para a cidade vizinha, para poder estudar. Com muito orgulho, ao longo de toda a sua profícua existência, Moacyr Lobo da Costa exaltava o nível do ensino “da sua época” falando com saudade dos “seus grandes mestres”. No ano de 1932, obteve ele o título de “Bacharel em Ciências e Letras”, no indigitado “Ginásio Culto À Ciência”. Data de 1932, também, a sua participação em algo de que ele — um homem de ordinário muito modesto — se ufanava. E refiro-me à sua atuação, como combatente, na Revolução Constitucionalista deflagrada por São Paulo, aos 9 de Julho de 32. Sei de um detalhe curioso, a respeito do Moacyr Lobo da Costa voluntário paulista de 1932. E, para tanto, avanço um pouco no tempo. Na noite em que o professor Miguel Reale foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes, ao fazer 90 anos, passei de carro pela casa de Moacyr, pois ele iria comigo à solenidade. A caminho, perguntei-lhe, casualmente, se dirigia automóveis. Ele me respondeu que dirigira apenas um caminhão, na frente de combate, em 1932...

Depois de terminar os seus estudos médios no “Culto A Ciência” o meu mestre ingressou na nossa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. A Academia de São Paulo foi, sempre, uma das grandes paixões da vida de Moacyr, e um local em que ele fez as maiores amizades da sua vida. Entre os seus mais íntimos amigos, estiveram Alfredo Buzaid, André Franco Montoro e Goffredo da Silva Telles Júnior. Foi como acadêmico do Largo de São Francisco que o meu mestre — que tinha também, é incrível, uma faceta boêmia — aprendeu a dançar tango, com perfeição, segundo me relatou certa feita, “num cabaré da Avenida São João, onde havia argentinas”... no Largo de São Francisco existiu, existe e sempre existirá um nome que é aplicado ao aluno que encarna o espírito e as tradições da Velha Faculdade. Trata-se do “Acadêmico” ou “Canalha” em oposição ao “bancário”, “banca” ou “bancário execrável”, que é aquele ser que se interessa apenas pelo que existe de pedagógico nas Arcadas. Segundo a imarcescível definição de um outro notável franciscano, Clóvis de Carvalho Júnior, o “Caparão” “bancário é aquele indivíduo que tem, para com a vida, uma relação de deve-e-haver”. Nesta ordem de idéias, posso dizer que Moacyr Lobo da Costa foi um acadêmico de quatro costados, que muito bem conhecia o que posso chamar, com segurança, de “A mística das Arcadas”. E este conhecimento profundo da alma acadêmica, ele o revelou quando comentou, comigo, o episódio de os alunos saltarem uma galinha no Pátio das Arcadas, por ocasião de uma visita da prefeita Marta Suplicy à Faculdade. A atitude dos alunos foi muito discutida, à época. E Moacyr, bravo, disse apenas o seguinte: — “Mas o que esperavam? Afinal, não nos conhecem?!”

No início do seu Curso de Bacharelado, o professor Moacyr lecionou na Escola Normal de Campinas. Foi lá que começou a namorar sua futura esposa, Dona Isa, também natural de Jundiaí, e integrante da antiga família Canguçu. Este namoro durou cinco anos, havendo mais dois anos de noivado. O casamento foi celebrado na Catedral de Campinas, no dia 27 de setembro de 1941, sendo que as famílias de ambos os nubentes já se conheciam em Jundiaí. Antes do casamento, Moacyr havia obtido o seu título de “Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais” no ano de 1937. Teve o diploma registrado no Ministério de Educação e Saúde, Departamento Nacional de Educação, às fls. 48 do Livro A, isto, aos 26 de abril de 1938. Se o meu mestre se bacharelou em Direito, em 1937, foi também deste ano um dos fatos mais marcantes da sua vida. E ora me refiro ao golpe político desferido por Getúlio Vargas naquele ano, instaurando o chamado “Estado Novo” Para Moacyr Lobo da Costa, o soldado paulista da Epopéia, de 1932, e liberal convicto, tal fato pareceu tão funesto, que a partir daí ele, em sinal de luto, só usou gravatas de cor preta!...

Há um fato da vida universitária do meu mestre, o qual tenho todos os motivos para julgar que é muito pouco divulgado. O mundo científico tem conhecimento de que ele se notabilizou como processualista, e como historiador do Processo Civil. Entretanto, no início dos seus estudos, almejava ele se aprofundar em Direito Administrativo!... confidenciou-me que não foi avante em seu impulso inicial, por ter sido desestimulado pelo velho professor Mario Mazagão, Catedrático da disciplina no Largo de São Francisco!... segundo Moacyr, aliás, o professor Mazagão não estimulou o surgimento de quaisquer continuadores seus, na Cátedra...

Como “advogado auxiliar” Moacyr Lobo da Costa ingressou no corpo jurídico da “Companhia Paulista de Estradas de Ferro”, no dia 24 de março do ano de 1941. Na “Paulista” — de que sempre se orgulhou — o meu mestre permaneceu, tendo sucessivas promoções, até o dia 2 de outubro de 1972, data em que se aposentou por tempo de serviço, como Consultor Jurídico. Se Moacyr se orgulhava da “Paulista”, esta se orgulhava, também, do seu advogado. Segundo o relato da sua filha Leonora, na Carteira de Trabalho do seu pai existe a anotação, feita pelo presidente da Companhia, do concurso de Livre-docência prestado no Largo de São Francisco. Creio piamente que Moacyr realizava a síntese — raríssima — do jurista e do advogado. É muito difícil, é difícilimo até, que ambas as figuras coincidam no mesmo homem... combativo ao extremo, “briguento” até — o que digo com todo o carinho — e consciente da suma importância da aderência do Direito à concreção da vida. Moacyr Lobo da Costa era advogado. De outra banda, pesquisador infatigável, dotado de impressionante erudição, e possuidor de uma inigualada honestidade intelectual, Moacyr Lobo da Costa era jurista.

Diziam os antigos gregos que quando os deuses desejavam a desgraça de alguém, davam-lhe o dom de ensinar, de ministrar aulas. Ignoro se esta lição dos antigos helenos é verdadeira. Mas é verdade, seja lá como for, que Moacyr Lobo da Costa nasceu para professor. Veio ao mundo com o estigma divino do magistério, que honrou sobremaneira. E a primeira qualidade que nele impressionava, como lente, era o inesgotável entusiasmo. Um entusiasmo de jovem, que ficava além dos padrões de um homem maduro, como já o conheci. Entusiasmo que passava para os alunos, em um processo impressionante de imantação, que a todos contagiava. E o segundo atributo seu que chamava a atenção, era o rigor científico, aliado à inatacável honestidade intelectual. Moacyr chegava às raias da intolerância, nesta matéria, como haverão de se lembrar todos os que o conheceram.

Tive a honra de ser aluno de Moacyr Lobo da Costa, nos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Com ele, estudei a disciplina “História do Processo Civil Romano, Canônico e Lusitano”, ministrada em dois anos. E tive a boa-sorte de ser discípulo de alguns homens ilustres, que sobremodo valorizaram aquele curso dado nas velhas Arcadas de São Francisco. Alguns daqueles colegas, a exemplo do nosso mestre, já passaram aos deuses, e o evocar o seu nome, é uma página de saudade. Um “tributo” para fazer uso do nome extremamente feliz dado por Aloísio Surgik a este evento. Lá estavam Sérgio Marcos de Moraes Pitombo, que nós chamávamos de “o singular Pitombo” e Benedito de Campos, ilustre membro do Ministério Público do Estado de São Paulo, precoce e tragicamente falecido. E lá estavam alguns que — graças a Deus — ainda vivem, sendo varões ilustres: — Luiz Carlos de Azevedo, Sérgio Bermudes, Aloísio Surgik, Ávila... “a posteriori”, foi aluno de Moacyr, na mesma disciplina, o então muito jovem José Rogério Cruz e Tucci. Uma das matérias era, como disse, a História do Processo Civil Canônico. E eu brincava a respeito do nosso grupo, chamando-o de “Pia Escola de Processo de São Paulo”... tanto Sérgio Bermudes, quanto Luiz Carlos de Azevedo, lembram-se muito bem desta nossa brincadeira. Um dia, aconteceu um fato engraçado. Eu fui até o Fórum Criminal, para falar com o “Dito” de Campos, promotor afeto a uma das Varas. Isto aconteceu nos bons tempos em que o Fórum Criminal funcionava na Praça Clóvis, no próprio Palácio do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. O juiz da Vara — lamentavelmente não guardei o seu nome — era um emérito gozador, e amigo do Benedito de Campos. No momento em que o “Dito” e eu estávamos, para lá de entusiasmados, falando de Processo Canônico, o MM. Juiz entrou na conversa e, sisudo, indagou: - “Leram o Osservatore Romano da semana passada?... a jurisprudência do Vaticano mudou!...”

Data daquela época e daquele curso memorável de História do Processo, a minha amizade com Moacyr Lobo da Costa; amizade que só fez crescer, ao longo dos anos. A classe era pequena, e assim nós, os antigos alunos, podemos dizer que tínhamos verdadeiras “aulas particulares” com aquele que foi no Brasil, acima e além de qualquer dúvida, **a maior autoridade viva em História do Processo do seu tempo**. Sérgio Bermudes vinha do Rio de Janeiro, todas as semanas, pelo vôo dos velhos “Electra II” da Ponte Aérea. Capixaba de nascimento, porém carioca de coração, Bermudes era de um bairrismo a toda a prova, referindo-se sempre, com uma solenidade cômica, à “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” Certa vez, no Pátio das Arcadas, eu mencionei os “bandeirantes paulistas” Sérgio Bermudes imediatamente me contestou, com o seu sotaque característico da Avenida Vieira Souto: — “Bandeirantex paulixtax porrque? Bandeirantex brasileirox!...” nesta hora, Moacyr acorreu com energia em minha defesa, dizendo que eu tinha razão, porquanto — nas suas palavras — em São Paulo é que havia surgido a primeira manifestação de uma civilização que não era um simples transplante de Portugal. Aduzo que, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e um profundo conhecedor da Gesta das Bandeiras, meu mestre sabia — e muito bem — do que estava falando. Sérgio Bermudes, dotado de um espírito ágil, e de um humor cáustico, a Bernard Shaw, tinha à época — e tem ainda hoje — tiradas magistrais. Certa feita, tomávamos “Chopp” no Itamaraty, e conversávamos em um grupo. Em dado momento, o Luiz Fernando Höffling passou, para o Bermudes, um cartão de visitas do escritório dele. Sérgio olhou bem para o cartão e disse aos circunstantes, sempre com o seu inconfundível sotaque carioca: — “Pôxa, pessoal!... Höffling, Höffling e Fracarolli... e onde é que ixtá o Tanaca?!” É claro que, na mesa, foi uma gargalhada só.

Benedito de Campos era um outro colega nosso, e o oposto de Sérgio Bermudes, em muitos pontos. Magro e moreno, nervoso e agitado, integrava o Ministério Público do Estado de São Paulo. Fora aluno do professor Moacyr, na PUC de Campinas, e — segundo as suas próprias palavras — era “vidrado” no seu antigo mestre, desde os tempos do Curso de Bacharelado. Benedito Campos, ou simplesmente o “Dito do Ministério Público”, costumava nos divertir com as suas histórias do tempo em que atuara como Promotor na Alta Sorocabana. Lembro-me, em particular, do caso de um júri na Comarca de Santo Anastácio, perto de Presidente Prudente. O Réu era espírita, e o “Dito” tendia para o Marxismo, em termos de convicções religiosas, ou — talvez devesse dizer melhor assim — **em termos de falta de convicções religiosas**. No dia da sessão, procedeu-se ao sorteio dos senhores jurados. E o Juiz-Presidente anunciou o

nome do primeiro jurado: - - “Allan Kardec dos Santos” “A Acusação aceita?” — indagou o Juiz-Presidente. “Recuso, Excelência!” — berrou Benedito de Campos...

O outro colega — o outro inolvidável colega — era Sérgio Marcos de Moraes Pitombo. Nunca haverei de esquecer Pitombo, com os seus modos ríspidos e ao mesmo tempo, e paradoxalmente cordiais, com a sua fina e implacável ironia, e com o seu agressivo bigode à Kaiser, de pontas erguidas!... já disse que ele era chamado de “o singular Pitombo”: Mas este qualificativo lhe foi dado por um outro grupo acadêmico, integrado pelo Miguelzinho Reale (Miguel Reale Júnior), por Arnaldo Malheiros Filho, hoje -- e merecidamente — um dos expoentes da Advocacia Criminal no Brasil, e, é claro, pelo próprio Sérgio Pitombo, isto ao tempo em que Arnaldo Malheiros Filho (O “Planta” do “Sindicato”) lecionou nas Arcadas, como docente voluntário admitido pelo saudoso professor Joaquim Canuto Mendes de Almeida. Pitombo era um mestre inimitável nas observações paralelas que fazia à exposição da Cátedra. Certa vez, Moacyr — entusiasmado com sempre — falava de D. Sancho, Rei de Portugal. Pitombo, que estava na carteira atrás da minha, não deixou por menos: — Cotucou-me o ombro e cochichou: — “D. Sancho era bicha!...” Moacyr era rigoroso ao extremo com o horário do início das aulas, às 17,00 horas em ponto, no que ele próprio dava o exemplo. Sucede que todos nós tínhamos as nossas obrigações profissionais, o que levava o professor a alguma flexibilidade. Certa vez, alguém chegou com uns poucos minutos de atraso, e se desculpou. Moacyr, com urbanidade, disse que o horário de fato tinha que ser respeitado, mas “não era uma coisa em cima da Bucha” O Sérgio Pitombo, imediatamente, estrilou:

— “Professor Moacyr, em cima da Bucha, nunca!...”, isto, em uma “sutil” referência à velha fraternidade acadêmica das Arcadas...

Outro partícipe daquele nosso inesquecível curso era Luiz Carlos de Azevedo, homem cujas grandes qualidades intelectuais e morais só são ofuscadas pelo seu impecável cavalheirismo, pelas suas maneiras fidalgas, e pelo tratamento urbano que sempre dispensou e dispensa às pessoas. A quaisquer pessoas, devo acrescentar logo. Azevedo é um homem universalmente estimado em sua geração acadêmica. Lhano no trato, em boa medida era ele o oposto de Sérgio Pitombo, este, como disse, um tanto ríspido. Certa feita, fui à procura de Luiz Carlos, em seu escritório, à época situado na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Lá chegando, para minha surpresa, topei com o Pitombo, que lá estava a trabalhar, fato por mim ignorado, até aquele momento. Depois de cumprimentar o “singular”, indaguei do Azevedo. E o Pitombo respondeu, bravo: — “Está nas Ilhas Gregas, tomando sol!...!” Pausa. E depois: — “Nós, se quisermos tomar sol, temos que ir à Vila Matilde!...”

Dois outros colegas freqüentavam as aulas de Moacyr Lobo da Costa, naquele período. Um deles era o Dr. Ávila — e, lamentavelmente, não me lembro do nome completo — que, hoje, é juiz do Tribunal Eclesiástico de São Paulo. Cheguei a rever o Ávila, depois do nosso curso, justamente nas dependências do Tribunal Eclesiástico, na Avenida Higienópolis, onde funciona o “Colégio Notre Dame de Sion” muito caro ao meu coração, pois nele estudou minha finada mãe. O outro colega era um moço visivelmente de origem modesta, muito calado, muito discreto. Envergonho-me de não poder me lembrar do seu nome. Seja como for, era um aluno aplicado. Aliás, quem não o fosse, não conseguiria acompanhar o nosso curso de “História do Processo Civil Romano, Canônico e Lusitano”

Estes foram os meus colegas, e deles tinha que necessariamente dizer alguma coisa, para continuar a falar sobre o homenageado, nosso comum e muito querido mestre. Se havia tantas diferenças de temperamento e personalidade, todos eram impressionantemente dedicados aos estudos, todos tinham muita seriedade científica, e todos eram unânimes em sua admiração e em seu carinho pelo professor Moacyr Lobo da Costa. Este, que era um homem inteligente e perspicaz ao extremo, dava um tratamento diferenciado a cada um de nós, o que era perfeitamente possível, em função de a classe ser, como disse antes, muito pequena. Esta circunstância possibilitava, inclusive, que os alunos freqüentassem a casa do professor.

Eu próprio fui, muitas e muitas vezes, à residência da Rua Três Pontes, n. 58, Pompéia, sendo invariavelmente muitíssimo bem recebido pelo mestre e pela sua esposa, Dona Isa. Moacyr Lobo da Costa, um homem extraordinariamente cioso dos seus livros, jamais se negou a emprestá-los àqueles seus alunos da Pós-Graduação, que lhe eram mais próximos. Tinha ele a sensibilidade suficiente para perceber que alguns daqueles livros estavam além do alcance da bolsa de alguns de nós... e aqui narro um fato curioso, relacionado com a Rua Três Pontes. Relata-me o único filho homem e homônimo de Moacyr, o Júnior, que havia naquela rua um vizinho e grande amigo do seu pai, que era, nas palavras de Moacyr Júnior, a única pessoa que tinha ascendência sobre o professor Moacyr, quando ele se achava irritado. Creio apontar uma coincidência muito significativa, senhores e senhoras, ao revelar o nome de tal amigo e vizinho: — Era o Senhor Orlando Mafra, um homem com o mesmo nome da cidade que abriga esta comovente homenagem a Moacyr Lobo da Costa!... e o interessante é que tanto este Senhor Orlando Mafra quanto a sua senhora, Dona Átila, tiveram um papel de destaque na vida dos três filhos do casal Lobo da Costa. Fique aqui um registro importante: — Orlando Mafra, grande amigo de Moacyr Lobo da Costa, e chamado de “Tio” pelos filhos dele, não possuía formação acadêmica. E com isto quero salientar que o meu

mestre, sem embargo de toda a sua enorme erudição, e sólida cultura, jamais foi um intelectual pedante. destes que andam por aí “aos pontapés” como o diria o velho Monteiro Lobato. Ele se definia como “um leitor constante” e nada tinha de soberba intelectual em suas maneiras.

Era uma casa muito interessante, a residência da Rua Três Pontes, n. 58, projetada por Ariosto Mila, professor da Escola Politécnica, fundador e Diretor da FAU -Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -, e grande amigo do professor Moacyr. Eu diria que se tratava de “uma casa dentro de uma biblioteca” tal a quantidade impressionante dos livros lá guardados, que eram o produto de toda uma vida de paciente colecionar. Havia os livros jurídicos, é claro, avultando entre eles os de Direito Processual Civil, os de História do Direito em geral, e os de História do Processo. Mas havia também as obras não-jurídicas. pois o meu mestre era antes de mais nada e acima de tudo um humanista de quatro costados, e pois, um homem que levava ao pé da letra a clássica lição, atribuída a Rudolf Stämmeler, de acordo com a qual, *“o jurista que é só jurista, não passa de uma pobre e triste coisa”* Nada haveria de mais antitético a Moacyr Lobo da Costa do que a figura do “tecnocrata do Direito” Entretanto, sem jamais ter sido um técnico, era ele um homem extremamente organizado em tudo aquilo que fazia. Chegava a ser exagerado no seu entranhado amor às minúcias, como estarão lembradas as suas filhas, aqui presentes.

Rigoroso embora — com os outros e, antes de mais nada, consigo próprio — o meu mestre era extremamente dedicado aos seus amigos, dos quais gostava com intensidade. Chego a dizer que ele tinha uma noção medieval, de cavaleiro andante, da amizade e dos deveres a ela inerentes. Mas esta noção caminhava de mãos dadas com o seu conceito — também medieval — da honra e da honestidade. E os fatos que vou narrar atestam sobejamente o asseverado. Dentre os vários amigos que cultivou ao longo da sua vida, Moacyr Lobo da Costa estremecia particularmente dois: — André Franco Montoro e Alfredo Buzaid. E, como é amplamente sabido, ambos estes homens tiveram um papel de destaque na mais recente História do Brasil, o primeiro como governador de São Paulo, e o segundo como ministro da Justiça, responsável pela elaboração e promulgação do vigente Código de Processo Civil.

Eu diria que os escrúpulos de honestidade do meu mestre chegavam às raias do pavor de ser mal interpretado, pelos amigos que estivessem em cargos de mando. Assim, depois que André Franco Montoro foi eleito governador de São Paulo, Moacyr ficou sem procurá-lo, durante todo o tempo em que ele esteve no Poder. Tendo Franco Montoro terminado o seu mandato, no dia seguinte, almoçaram juntos!... e note-se que ambos eram amigos íntimos, camaradas acadêmicos, irmãos franciscanos, sendo

que, quando jovens, viajavam juntos para Jundiaí, por via férrea, para encontrar com as respectivas namoradas...

O acontecido com o professor Alfredo Buzaid, segue o mesmo padrão. Eu próprio sou testemunha da enorme admiração que o ilustre processualista despertava em Moacyr Lobo da Costa. Eu o ouvi referir-se textualmente a Buzaid, em aula, como sendo “o maior processualista do Brasil, e um dos maiores do Mundo” E o grande afeto que ele tinha pelo insígne filho de Jaboticabal, nada ficava a dever à admiração intelectual que lhe devotava. Foi Alfredo Buzaid quem levou Moacyr Lobo da Costa para a PUC de Campinas, quando da implantação desta pelo notável intelectual, educador e administrador que foi Monsenhor José Salim. E a dedicatória presente na monografia “Assistência”, não deixa margem a dúvidas: — “Para Alfredo Buzaid, mestre a amigo” Pois bem, enquanto o professor Buzaid foi ministro da Justiça, Moacyr não o procurou, sequer uma vez!... este o nível da probidade daquele homem que foi e é um dos exemplos mais marcantes da minha vida, e da vida dos que com ele privaram.

Um outro aspecto da personalidade do homenageado, era a sua capacidade para a ternura. o que pode muito bem, eu sei, soar estranha em um homem rigoroso e austero como ele era. Mas a estranheza desaparece, quando se leva em conta que Moacyr era uma pessoa de sentimentos fortes, tanto para amar quanto para sentir aversão. Ele tinha uma ternura muito grande para com as suas filhas aqui presentes, e para com o seu filho, o “Moa”, que não pôde, lamentavelmente, comparecer a esta homenagem. Uma ternura, é verdade, que vinha mesclada a uma dose de severidade. Do seu casamento com Dona Isa, nasceram quatro filhos, dos quais três sobreviveram. A primeira foi a Dra. Marisa Canguçu Lobo da Costa, médica diplomada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e professora da mesma Faculdade. O segundo filho foi Moacyr Lobo da Costa Júnior, o “Moa” que é professor — hoje com o título de Livre-docente — da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Diplomou-se em Estatística pelo Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo. Este filho é casado com Dona Sueli Garcia Lobo da Costa. O casal teve Ana Paula e Leandro. A terceira filha do casal Moacyr-Isa é Leonora Canguçu Lobo da Costa, casada há vinte e seis anos com seu primo, Paulo Celso Russi de Carvalho. Têm os filhos Helena e Pedro. Uma última filha de Moacyr, Isa Maria, faleceu na primeira infância.

Foi com a chegada dos netos que o meu mestre se abrandou, revelando com mais nitidez aquela ternura sempre possuída, e que a severidade em parte encobria. E foi com a trágica morte da sua netinha Ana Paula, no dia 30 de novembro de 1997, em um acidente de carro, que Moacyr sofreu o golpe que não hesito em chamar de o maior

de toda a sua existência. Posso falar disto com segurança, pois conheci bem o homenageado, **antes e depois** de tal tragédia. Ana Paula era a primeira neta de Moacyr, e morava perto da casa dele. O avô a levava para a escola, e ia buscá-la, existindo uma grande afinidade entre os dois. Na véspera do acidente, o professor Moacyr levava Ana Paula para almoçar fora, seguindo ambos, depois, para uma exposição de Cândido Portinari. Quando o visitei, depois da tragédia, o pobre avô, falando-me do acidente, fez um gesto vago com o braço, e me disse que o desastre ocorrera bem perto da sua casa. E foi só. Prefiri nunca mais abordar, com ele, o triste assunto. Segundo Leonora, depois da morte de Ana Paula, Moacyr foi ficando deprimido, e perdendo a vontade de viver. Continuou, é certo, ligado aos netos, lendo e ouvindo as suas peças preferidas de música erudita. Continuou a escrever.

Mas, de um modo geral, afastou-se do convívio social. A mim confessou que estava “retirado” E bem por este motivo, considero que fui merecedor de uma verdadeira honraria o fato de o meu velho mestre, por mim convidado, ter comparecido à defesa da minha Tese de Doutorado. no Largo de São Francisco, em agosto de 2003!... quando ele entrou no “Auditório XI de Agosto” todos os membros da douta banca examinadora levantaram-se, respeitosamente, para o cumprimentar. Naquela banca — que, sem que eu o merecesse, aprovou a minha tese com distinção e louvor — encontravam-se três discípulos e continuadores de Moacyr Lobo da Costa; três dos integrantes da **nossa** “Pia Escola de Processo de São Paulo”: — Aloísio Surgik, Luiz Carlos de Azevedo, e José Rogério Cruz e Tucci. Foi emocionante, para mim foi gratificante ao extremo, ver o “velhinho”, com os seus cabelos brancos, mas sempre com a sua indômita energia, adentrar o recinto!... aliás, naquela defesa de tese, muito do antigo e irreverente espírito franciscano esteve presente. Numa determinada passagem do meu trabalho, eu citava José Rogério Cruz e Tucci, referindo-me a ele como sendo “o ilustre autor mogiano” Ao me argüir, José Rogério Tucci censurou-me o termo, dizendo que ele era “mogimiriano” Eu, da minha parte, pedi desculpas, e disse que muito me orgulhava de ser de São João da Boa Vista, cidade pertencente “à grande Mogi Mirim”!...

Depois da defesa de minha tese, o professor Moacyr almoçou conosco no “Itamaraty” sendo que comigo e com minha mulher, Inês, estiveram Luiz Carlos de Azevedo e o meu fraterno amigo, Dr. Gustavo Augusto de Carvalho Andrade, outra figura humana extraordinária, e sempre presente nos grandes momentos da minha vida.

Foi também após a morte de Ana Paula que o professor Moacyr Lobo da Costa fez algo que demandava. eu sei, muita coragem da parte dele: algo que confesso que não teria eu fibra para fazer: — Ele vendeu a sua biblioteca jurídica. em 2000, para a

Associação dos Advogados de São Paulo, sendo presidente da AASP José Rogério Cruz e Tucci. Esta biblioteca — rica e primorosa, fruto dos esforços de um erudito e grande conhecedor de livros — lá está, em São Paulo, servindo à “Juventude Estudiosa” à qual se refere Justiniano, no proêmio das suas Institutas. Moacyr, o educador, Moacyr, o “leitor constante” Moacyr, o “mestre escola” ficaria realizado se pudesse ver isto. E adentro justamente o problema da sua crença religiosa. Tinha o meu mestre religião?... acreditava ele em Deus?... o assunto é delicado, e complexo ao extremo. Para nós seus alunos, ao findar o curso de “História do Processo Civil Canônico” por ele ministrado com o rigor doutrinário e de dogmas com que o ministraria um Bispo, ele se confessou “Agnóstico” Entretanto, as minhas conversas com os seus filhos têm ' revelado que o mestre era teísta, e mais, era um homem dotado de intensa religiosidade, abominando ele, entretanto, o uso político da religião. Detestava o que chamava de “proselitismo político feito com a religião” E esta postura, acrescento eu, estava de acordo com o seu caráter retilíneo.

Meu velho mestre foi organizado até para morrer, o que pode parecer um paradoxo. Dispôs dos seus bens — que não eram muitos — repartindo-os entre os seus filhos. Deixou registrada a sua vontade de que o seu corpo fosse cremado, descendo ao detalhe de escolher a música que seria executada no crematório. Foi velado onde viveu: — **Na sua Faculdade de Direito do Largo de São Francisco**, envergando a beca — companheira e veterana de muitos concursos — e cercado pela família, bem como por uma legião de antigos alunos, da Academia de São Paulo e da PUC, de Campinas.

Não tratarei da sua vastíssima e erudita obra jurídica. Outros, mais qualificados do que eu, vão se encarregar disto. Falei do homem, do pai de família, do mestre e do amigo. Ora escrevo a minha tese de Livre-Docência, sobre a *Censura em Roma*. Cheguei a falar da minha escolha, para o professor Moacyr Lobo da Costa, que gostou do tema, advertindo-me no entanto de que “havia pouca bibliografia sobre o assunto” Pois bem, tenho para mim que Moacyr Lobo da Costa permanecerá sempre em minha vida como um severíssimo, e até implacável Censor, apontando-me o caminho do cumprimento do dever. Ele teve uma grande vida; ele foi um belo exemplo, e ao encerrar estas palavras sobre aquele homem que se disse “Agnóstico”, sem que o fosse, evoco o que disse o Apóstolo Paulo, e que é aplicável ao meu querido mestre: — “Ele combateu o bom combate, e guardou a fé!...”

Muito obrigado!...

São Paulo, setembro de 2006.